

REFLEXÃO SOBRE A PÓS-MODERNIDADE

Víctor Codina SJ

Mais que uma erudita exposição sobre a pós-modernidade, vamor oferecer alguns elementos que nos permitam situar o momento presente pós-moderno e fazer um discernimento sobre a mudança de época ou de paradigma que cabe a nós viver.

I. Da década de 60 à de 90-2000

1. Desde o final da Idade Média, o mundo cultural europeu começa a cansar-se e a querer desligar-se do mundo religioso no qual tinha ficado aprisionado. Durante séculos. Cientistas, comerciantes, filósofos, artistas, membros das novas comunidades urbanas e políticas, a nascente burguesia pré-capitalista, navegantes que chegam a lugares novos, grupos da Igreja mesma... Vislumbram outra forma de viver e de organizar-se. Surge outro paradigma cultural, baseado na pessoa, na liberdade de consciência, no desenvolvimento, na ciência, na razão... Estamos diante do nascimento da modernidade.

Este movimento irá crescendo com os anos e consolida-se através de uma série de revoluções:

- a) A revolução científica, que rompe com a visão simbólica e sacral da natureza e introduz uma lógica matemática (Renascimento)

- b) A revolução político-social, que rompe com os privilégios de uma sociedade classista para conseguir a liberdade do indivíduo (Revolução Francesa)
- c) A revolução cultural, que rompe com a tutela das autoridades exteriores à própria razão (Kant)
- d) A revolução técnica, que rompe com o trabalho agrário-artesanal e introduz o trabalho industrial e pós-industrial, com novas tecnologias (cibernética, informática...)

Características da modernidade são: sua consciência histórica, seu caráter racional e funcional, o entusiasmo pelo progresso e pela técnica, a afirmação da autonomia da liberdade e de todas as esferas humanas, sentido crítico e secular diante da esfera religiosa e do cristianismo em particular. O símbolo da modernidade não é a paróquia rural nem tampouco a catedral do centro da cidade, mas sim o supermercado, o *shopping center*. A razão científica técnica é quem adquire maior relevância social, obscurecendo-se outras dimensões da razão. A razão torna-se razão instrumental (Horkheimer e Adorno), unidimensional (Marcuse), funcional (Habermas).

A Igreja católica, que se tinha oposto e enfrentado a modernidade (contra-reforma, anti-revolução francesa, *Syllabus...*), nos anos 60, durante o Concílio Vaticano II, abre-se à modernidade.

Surge depois do Vaticano II um cristianismo moderno, secular, sobretudo no primeiro mundo, como todas as vantagens e todos os riscos inerentes à modernidade.

2. O Concílio Vaticano II não conseguiu abrir-se à chamada Segunda Ilustração, a qual nasceu das revoluções sociais do século XIX (Marx), sensível à injustiça e ao clamor dos pobres. O Vaticano II foi marcado pela problemática do mundo moderno e secular, pelo mundo centro-europeu e norte-atlântico.

Por outro lado, a Igreja da América Latina em Medellín (1968) abriu-se à Segunda Ilustração, à opção pelos pobres e à luta pela justiça. Medellín fez uma releitura do Vaticano II a partir de um continente marcado por estruturas injustas de pecado e pelo clamor dos pobres.

Surge na Igreja da América Latina a necessidade de mudança de estruturas e do compromisso pela libertação. É o momento em que surge a Teologia da Libertação, como reflexão sobre uma práxis de libertação que se inicia em toda parte na América Latina. Logo aparecem vozes contrárias à essa teologia, acusando-a de sociologismo, de marxismo, de moda teológica, de querer formar uma Igreja popular contra a Igreja hierárquica. Mas o movimento segue adiante com força.

É um momento áureo na Igreja da América Latina, que vive como que uma erupção vulcânica do Espírito: surge um novo estilo de pastores profetas (Câmara, Romero, Angelelli, Proaño, Mendez Arceo, Silva Henríquez...), um novo estilo de vida religiosa inserida no povo, um novo estilo de laicato comprometido com a libertação do povo, uma floração de mártires que recordam os tempos da Igreja primitiva.

3. Mas passaram-se anos, e na década de 90-2000 temos um novo cenário:

- Queda do socialismo no Leste europeu, derrota dos regimes de esquerda, sem outras alternativas políticas, triunfo do Neoliberalismo com sua política centrada no mercado e na privatização, “o fim da história” (Fukuyama), o “grande mercado do mundo”.
- Crítica da modernidade ilustrada (tanto da Primeira quanto da Segunda): nasce a pós-modernidade (Lyotard, Vattimo...).

Nascida das entranhas mesmas da modernidade, a pós-modernidade é ao mesmo tempo uma crítica à própria sociedade. Suas características são uma resistência radical ao projeto da modernidade baseado no desenvolvimento, na razão e na liberdade, que produziram efeitos contrários tanto no Primeiro Mundo capitalista quanto no Segundo Mundo socialista e no Terceiro Mundo, cada dia mais empobrecido.

Por suas próprias características, a pós-modernidade resiste a ser definida e somente pode ser descrita em alguns de seus traços:

- “Jurassic Park” seria para a pós-modernidade o símbolo do mundo moderno do progresso, que criou seus monstros que destroem a humanidade: o Gulag marxista, o Neoliberalismo capitalista que destrói a ecologia e empobrece os povos mais pobres, o caos...;
- Crise da História: somente permanecem pequenas histórias, angustiadas pela “insuportável leveza do ser” (Kundera);
- Crise das utopias e dos grandes relatos (meta-relatos): somente permanecem pequenos relatos da cotidianidade de cada dia;
- Passagem da ética à estética; de Prometeu, o herói grego que rouba o fogo do sol, a Narciso, o jovem que se enamora de si mesmo ao ver-se refletido no espelho d’água;
- Gozar a vida, a privacidade, o presente, o individualismo do *carpe diem* de Horácio (“aproveita o instante presente!”);
- Ética provisional e contextualizada em cada momento, sem compromissos para sempre, mas apenas contratos temporários;

- Crepúsculo da razão: explosão do sentimento, aparição de um pensamento frágil e maleável (*light*), de um mundo fragmentado em um leque de valores para escolher, “vale tudo”;
- Retorno de Deus: do sagrado, do mercado religioso, de uma religião *à la carte*, enquanto entram em crise as grandes instituições religiosas: cultiva-se o religioso à margem das instituições tradicionais, concretamente à margem das grandes Igrejas;
- *Boom* do esoterismo, do mistério, das seitas, da nebulosa esotérica da *New Age*, que aparece como uma nova religião e filosofia;
- Sacralização de realidades da vida cotidiana: o corpo, o esporte, a música, o sexo, a arte, a natureza, a sociedade...

II. O que fazer diante dessa nova realidade?

1. A pós-modernidade cria uma série de interrogações no nível da Igreja da América Latina, que tinha vivido algumas décadas sob o impulso do pensamento libertador. O que fazer diante dessa nova realidade da década de 90, no nível da Igreja da América Latina, da teologia, da vida cristã?

Há várias posturas possíveis:

- a) **“Não aconteceu nada”**: continuamos como nos anos 70-80, as mesmas opções, os mesmos caminhos, os mesmos *slogans*: revolução, libertação, o povo no poder, mudança de estruturas... Há sujeitos que vivem como nos anos 70...
- b) **“Voltemos ao passado”**: retorno ao que havia antes da modernidade, à pré-modernidade, ao que é anterior ao Vaticano II: a crise atual seria um sinal de que a modernidade não funciona, nem na Primeira nem na Segunda Ilustrações: “Voltemos à ordem, à tradição, à uniformidade, à disciplina, ao de sempre. O Vaticano II foi um fracasso, retornemos à Cristandade, à cultura medieval, a uma Igreja poderosa, forte e com influência social” e poder mundano, que se aproveita da crise da modernidade para crescer ou que utiliza a ânsia pelo religioso para vender seus produtos: é a involução eclesial, que está presente em muitos setores eclesiais.
- c) **“Liquidemos a modernidade e passemos de todo coração à pós-modernidade”**, ao efêmero, ao frágil, ao presente. “Vivamos a vida, retornemos à privacidade. Deixemos de utopias, que cada um se salve a si mesmo. Entremos no mundo do

sacral e na nebulosa esotérica, religião *à la carte*. Aceitemos a realidade do mercado, reconheçamos que não é possível mudar as estruturas. Sejamos realistas e deixemos de sonhar. Adeus aos pobres, adeus à libertação, adeus a Medellín”: filosofia da inevitabilidade.

- d) **Discernimento:** reconheçamos que as coisas mudaram, e ainda que os pobres tenham aumentado, já não estamos em maio de 68, nem no tempo do Che: as pessoas se preocupam com Nostradamus e com os horóscopos, com a saúde do corpo e com o sexo.

2. Não podemos jogar fora alguns elementos irrenunciáveis da Primeira e da Segunda Ilustrações: o respeito pela pessoa, o diálogo, a liberdade, a aceitação da razão, da ciência, e da técnica, a necessidade de transformar a história e a sociedade, os direitos humanos, o valor da ética, sobretudo da ética política, a democracia participativa, a solidariedade, a opção pelos pobres (hoje mais numerosos que antes), a preocupação pelos excluídos à margem da sociedade, a libertação, etc. Não podemos voltar à pré-modernidade.

Sem que nos entreguemos de corpo e alma à pós-modernidade, aceitemos os novos elementos que ela nos oferece e que talvez tínhamos esquecido:

- Não se vive somente de pão, mas também de flores, de estética, de cultura. Diz um provérbio chinês: “Se tens duas moedas, gasta uma com pão e a outra com flores”;
- Recuperar as dimensões de cultura e religiosidade, de festa, de gratuidade, de experiência religiosa, de mistério, de transcendência, que a modernidade tinha esquecido, caindo na pura imanência;
- Recuperar o sentido do corpo, da sexualidade, da felicidade e do prazer, do cosmo, da ecologia, do holístico;
- Aceitar os rostos diferentes entre os pobres: mulheres, crianças, anciãos, indígenas, afro-americanos, doentes, tóxico-dependentes, alcoolizados... Os pobres não são somente clamor, têm rosto e têm nome.

3. No nível teológico e eclesial

Há uma série de tarefas no nível teológico e eclesial que não podemos deixar de enfrentar:

- Corrigir certo messianismo, de sabor milenarista, voluntarista e ético, típico dos 70-80, que conduziu a muitas crises de militantes cristãos;

- Recuperar a dimensão do Espírito que é a que os grupos pentecostais redescobriram e que nos faz ver que Jesus opta pelo pobres sob a unção do Espírito;
- Passar do Êxodo (um faraó, um Moisés, um Mar Vermelho, uma Terra de Promissão...) ao Exílio (um império onipotente, falta de líderes em Israel, sem possibilidade de mudança, sem horizontes de esperança);
- Passar de Amós (o profeta da justiça social) a Oséias (o profeta que convida a voltar ao deserto onde Deus falará ao coração);
- Passar da Libertação como meta-relato para as pequenas libertações da cotidianidade, como Jesus, que passou pela vida fazendo pequenos relatos: curar, abraçar crianças, contar parábolas;
- Em vez de ir à montanha (revolução) ou de entrar no mercado (modernidade liberal), passar a ir à casa do povo, à cotidianidade, aonde os ilustrados não entram;
- Passar da estratégia do macro para a estratégia do micro (CEBs, grupos civis de mulheres, de jovens,...); não que se renuncie ao macro (o Reino), mas sim que o caminho ao macro se constrói a partir do micro: a utopia está no germinal (Benjamín González Buelta);
- Passar dos ideais de Zebedeu (primeiros lugares junto a Jesus) à parábola do fermento que uma mulher mistura com três medidas de farinha: um pouco cresce e fermenta o todo; não é casual que seja uma mulher, com a qual a pós-modernidade tem grande sintonia, diante do machismo da modernidade.

4. No nível da pedagogia religiosa¹

Há uma série de atitudes que temos que recuperar, se quisermos assumir os valores positivos da pós-modernidade, sem perder os valores positivos da modernidade:

- Recuperar a festa sem perder o compromisso: a teologia de festa dos anos 70 (Moltmann, Cox, Schutz, Mateos...) volta a ser atual;
- Reconciliar-se com o corpo, sem perder o espírito, ou seja, deixar o dualismo neoplatônico e entrar em um pensamento holístico e encarnatório;
- Ensinar a sentir junto com pensar, na linha da “inteligência que sente” de Zubiri;
- Aceitar o rendimento sem perder a gratuidade;
- Promover o diálogo, superando tanto a intolerância quanto o relativismo;

¹ Cf. L. GONZÁLEZ CARVAJAL, *Selecciones de Teología* 128, 1993.

- Ensinar a viver o permanente em meio ao efêmero de cada dia;
- Revalorizar a experiência religiosa sem cair no anti-intelectualismo: a oração e a liturgia devem ser recuperadas com urgência;
- Redescobrir a teologia negativa (apofática) dos Padres orientais sobre o Mistério de Deus, cuja dissimilitude é maior que a semelhança, como dizem os Concílios; o próprio Agostinho abundava nessa linha: “Se o entendo, não é Deus”;
- Abrir-se à inculturação e ao diálogo religioso com as grandes religiões da humanidade, sem perder a opção pela justiça e pelos pobres, renovando-a e aprofundando-a ainda mais.

Assim a Igreja, a teologia, a vida cristã em geral pode assumir os desafios da pós-modernidade, sem perder os valores irrenunciáveis da modernidade, tanto da Primeira quanto da Segunda Ilustrações.

Conclusão

Estamos em uma encruzilhada histórica, em um momento de crise de paradigmas, de perplexidade, pois quebrou-se uma nossa visão do mundo e ainda não acaba de nascer a seguinte, apesar das vozes que indicam que “outro mundo é possível”.

Muitos desesperam-se e agarram-se ao passado. Contudo, à luz da fé, trata-se de um tempo grávido de esperança e pode-se nele rastrear a força do Espírito.

O momento atual pode ser um momento de graça, um verdadeiro *kairós*, que nos ajude a recuperar o melhor do antigo e do moderno e a abrir-nos ao pós-moderno.

Como o pai de família da parábola, que tira o novo e o antigo de seu baú (Mt 13,52). Como o caminhante, que como Abraão avança pela fé, sem conhecer exatamente o futuro: “E partiu sem saber aonde ia” (Hb 11,8).

(Traduzido por Claudio Paul)

Víctor Codina SJ, natural de Barcelona, doutorou-se em Teologia pela Pontificia Università Gregoriana (Roma). Durante vinte anos lecionou teologia em sua terra natal. Desde 1982, reside na Bolívia onde é atualmente professor de Teologia na Universidad Católica Boliviana em Cochabamba. Dentre suas obras, destacam-se: *Seguir Jesus Hoje: da modernidade à solidariedade*, São Paulo: Paulinas, 1993 *Creio no Espírito Santo: pneumatologia narrativa*, São Paulo: Paulinas, 1997, *O Credo dos Pobres*, São Paulo: Paulinas, 1997.

Endereço: Casilla 319
Santa Cruz de la Sierra – Bolívia
e-mail: lamerced@roble.scz.entelnet.bo

Coleção CES

A Coleção CES reúne estudos de filosofia e cultura, teologia e religião, sob a responsabilidade do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus.

Títulos Publicados:

1. **A Palavra se fez livro**
Johan Konings
2. **Cenários da Igreja, 2ª ed.**
J. B. Libanio
3. **Teologia da espiritualidade cristã**
Danilo Mondoni
4. **Igreja contemporânea - encontro com a modernidade**
J. B. Libanio
5. **Conhecimento afetivo em Santo Tomás**
Paulo Meneses
6. **Experiência mística e filosofia na tradição ocidental**
Henrique C. de Lima Vaz
7. **História da Igreja na Antiguidade**
Danilo Mondoni
8. **Matrimônio - Aliança - Reino**
Francisco Taborda
9. **Ecologia e criação - Resposta cristã à crise ambiental**
José Roque Junges
10. **A arte de formar-se**
João Batista Libanio
11. **Folhas de Outono**
Fernando Bastos de Ávila
12. **Deslocamentos da teologia - mutações do cristianismo**
Carlos Palacio
13. **Um incendiado desejo das Índias**
Marina Massimi
14. **Teologia em diálogo**
Bruno Forte
15. **Filosofia e método**
Emídio Fontenele de Brito / Luiz Harding Chang (orgs.)
16. **Teologia e Pastoral**
Johan Konings (org.)

Edições Loyola - Cx. P. 42.355 - CEP 04299-970 São Paulo
e-mail: vendas@loyola.com.br